



SCHWARCZ, Luiz. *O ar que me falta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

## Entre dizer e escrever um kadish

**André Vaillant\***

Belo Horizonte, Brasil  
vaillantab@gmail.com

“É possível falar da morte sem a experiência da agonia?” pergunta Emil Cioran em um dos ensaios de *Nos cumes do desespero*.<sup>1</sup> Nesse texto, o filósofo romeno traçará a relação entre a depressão e a morte enquanto imanência, ou seja, uma presença também no mundo vivo. “Graças à sensação da presença da morte na estrutura do vital, introduz-se implicitamente um elemento do Nada na existência”.<sup>2</sup> Será assim, também, nos cumes, que Luiz Schwarcz iniciará a narrativa de sua biografia, *O ar que me falta*.<sup>3</sup> em busca de elucidar a vista do horizonte de uma cordilheira a partir do topo de uma montanha. Esse horizonte se desdobrará em diversas metáforas ao longo do livro, inclusive aquela que lhe dá título.

Três temas fundamentais entrelaçam Cioran, o escritor romeno, e Schwarcz, o brasileiro, na escrita dos cumes: a depressão, a insônia e a morte. A primeira memória da infância a emergir no texto de Schwarcz é a insônia de seu pai, que fazia barulhos com as pernas na cama à noite. Esse som atravessa o texto que procura traçar origens – a da doença e a da família. Sendo assim, o escritor avalia: “[...] minha depressão apareceu como um som”.<sup>4</sup> O som do pai insone. A causa, rapidamente descrita, foi a separação entre pai e avô no comboio de um trem para o campo de concentração Bergen-Belsen. András Schwarcz, judeu húngaro sobrevivente do nazismo, não pôde, assim, sepultar o pai.

Ainda nas primeiras linhas, entre o final do primeiro e o começo do segundo capítulo, se estabelece o angustiante liame que sustenta a narrativa. A força dessa sutura se faz mais evidente nas cenas do *Yom Kippur*, primeiro do pai, depois do filho. Ambos passam o Dia do Perdão em estrita observância de jejum e preces na sinagoga. No judaísmo, o ato mais importante de um funeral, geralmente levado a

---

\* Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

<sup>1</sup> CIORAN, Emil. *Nos cumes do desespero*. Tradução de Fernando Klabin. São Paulo: Hedra, 2011. p. 34.

<sup>2</sup> CIORAN, 2011, p. 40.

<sup>3</sup> SCHWARCZ, Luiz. *O ar que me falta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

<sup>4</sup> SCHWARCZ, 2021, p. 14.



cabo pelos filhos do falecido, é “dizer kadish” – a prece dos enlutados. Entre Láios, o avô, e András/André, o pai, esse ato foi, no entanto, impedido pela barbárie nazista.

Diante do dever sagrado de dar sepultamento aos mortos, pode-se falar em um mandamento, mas também em uma questão moral. Schwarcz identifica o estresse pós-traumático de seu pai à culpa de ter obedecido à única ordem que deveria ter sido desacatada: a de fugir do trem abandonando o próprio pai. Aí estaria o apego ao ritual do *Yom Kippur*, Dia do Perdão, como uma extensa e obrigatória *teshuvá*. Volta ou retorno, interminável pelo pai insepulto. “Da boca de André saía apenas a penitência do filho rebelde”.<sup>5</sup>

O que talvez falte para fechar a ferida, o trauma, seja um gesto simbólico, um aceno na escuridão. O escritor receberá o nome do avô e a ele dedica seu livro, que parece tentar reconstruir o *Kadish* ausente (recitá-lo) para, finalmente, terminar o luto suprimido.

Para além do aspecto religioso e moral, no ato de recitar o *Kadish Yatom*, a oração dos enlutados, há ainda um terceiro vínculo que foge à culpa. Trata-se da necessidade humana de dizer adeus. Nesse sentido, a expressão “dizer Kadish” parece mais adequada do que qualquer outra que se possa por no lugar (como “rezar o Kadish”, mais comum em português), porque “dizer Kadish” se aproxima, simbolicamente, de “dizer adeus”. A morte sem testemunho de Láios Schwarcz, de que só se teve notícia e confirmação em uma viagem de seu filho a Viena, anos depois, mais do que gerar culpa, gera um lapso sempre em aberto. Sem o *Kadish Yatom*, o que resta é um silêncio expectante. “A obediência e o silêncio marcaram boa parte da minha vida”,<sup>6</sup> conclui o narrador.

Duas forças parecem mover a trama de *O ar que me falta*, o texto autobiográfico de Luiz Schwarcz. A falta, presente desde o título na qual o livro tenta fazer ressoar o *Kadish* não dito do avô perdido, traduz-se, pela escrita, na força de sobreviver e atravessar a depressão. A primeira parece evidente já na dedicatória e ganha espaço quando da morte do pai do escritor, quando ele sente não ter podido “quitar uma dívida” à qual fora destinado. Ao receber o nome do avô, desde a infância, se sente impelido pelo pai a preencher aquela falta deixada em Bergen-Belsen. Uma vez tendo perdido o próprio pai, Schwarcz se vê, por essa dívida, na mesma posição em que Láios deixara André, ou seja, incapaz de realizar o luto. “Nunca imaginei que o luto por sua morte fosse ocupar tanto tempo na minha vida”,<sup>7</sup> confessa.

Outro movimento interno da narrativa parte desse mesmo ponto, ou seja, da aporia da falta. Se a autobiografia de Schwarcz parece flertar com a sua transformação no *Kadish* do pai e do avô (este não dito), em outros momentos, se lança em memórias

<sup>5</sup> SCHWARCZ, 2021, p. 18.

<sup>6</sup> SCHWARCZ, 2021, p. 95.

<sup>7</sup> SCHWARCZ, 2021, p. 125.



igualmente intensas dos vivos. O cenário mais comum, nesses momentos, serão as viagens familiares. A autobiografia assume, nesses recortes, o tom de entusiasmo, muito diferente da falta reiterada no relato. Não passa despercebida, portanto, a simetria inversa entre as viagens de fuga de seus avós da Europa nazista e aquelas que ele faz com a família. Esse segundo movimento da narrativa é o de sobrevivência (a pulsão de vida). O que o leitor pode notar é uma trama cujo enredo alterna impulsos de vida e de morte, fazendo com que um revele e atravesse o outro. A vitalidade das lembranças de viagens familiares permite, nesse sentido, ressignificar as errâncias – tema recorrente na história e na literatura judaicas. É assim que o escritor pretende encerrar o seu *Kadish*, passando deste para a *Tefilat HaDerech*, Oração do viajante.

A narrativa de *O ar que me falta*, diante das idas e vindas da memória, não se apresenta de maneira linear. Cronológica, ela teria início com o salto do pai do escritor para fora do comboio, nessa viagem mortífera, e terminaria na cena em que o livro de fato começa: na viagem do narrador com as netas para a cordilheira. Nessa imagem que funda a metáfora que dá título ao livro, ele retorna aos cumes, onde o horizonte se apresenta – esse horizonte da vida, que é a morte. Ao lado das netas, sua continuação hereditária, o narrador se sente outra vez sufocar.

Como se sabe, Sigmund Freud dirá sobre a guerra e a morte que “suportar a vida é, e sempre será, o primeiro dever de todos os viventes” e que “se quiseres suportar a vida, prepara-te para a morte”.<sup>8</sup> Schwarcz não parece conseguir hesitar em encará-la. Para suportar a vida com os mortos que herdou, ele precisa olhar para o silêncio que negou ao avô o *Kadish*, mas, simultaneamente, ele não pode deixar de viver. Nesse impasse, entre a vida e os mortos, chega-se à visão de Cioran dessa relação entre finitude e depressão: “A revelação da imanência da morte na vida dá-se em geral por meio de doenças e estados depressivos”.<sup>9</sup> Ora, Schwarcz se deprime como sintoma de um reconhecimento do lapso da morte, de uma morte deixada em aberto – uma morte que expõe aos vivos seu silêncio de sumiço.

Autobiografia curta e que parece escrita de um só fôlego, *O ar que me falta* dirá, de início, que Luiz Schwarcz falhou na missão que lhe foi confiada ao nascer, herdando o nome do avô: a de preencher uma lacuna familiar. Ao contrário, ele terminará por confessar que a escrita é uma tentativa de cumprir essa missão: “Aqui não invento mais nenhuma ficção para preencher o silêncio do meu pai”,<sup>10</sup> afiança. Preenche-o com a verdade, confrontando-se, simplesmente, com ela. Como Freud alertava, “a

---

<sup>8</sup> FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a guerra e a morte*. Tradução de Artur Mourão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009. p. 31.

<sup>9</sup> CIORAN, 2011, p. 38.

<sup>10</sup> SCHWARCZ, 2021, p. 192.



ilusão torna-se sem valor, quando de tal [suportar a vida] nos impede”<sup>11</sup> ou quando não ajuda a tanto. Termina dizendo que escreve “para que eu possa voltar a ler”.<sup>12</sup> Ou seja, para que possa retornar à vida.

-----

Recebido em: 10/03/2021.

Aprovado em: 17/07/2021.

---

<sup>11</sup> FREUD, 2009, p. 31.

<sup>12</sup> SCHWARCZ, 2021, p. 192.